

CONJUNTURA

Economia - Brasil

Taxa de investimento pode bater em 20% do PIB

CNI acredita que nível pode até ser superado e Ipea também já revê para cima sua projeção

NILSON BRANDÃO JUNIOR

RIO – A taxa de investimento em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) deverá chegar a 20%, bem acima dos 18% do ano passado e próxima apenas dos 19,9% de 1997. Para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), esse novo nível poderá ser ultrapassado. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) vai elevar, na semana que vem, a sua previsão, que era de 19,7%. Já há projeções que apontam até para uma taxa de 22% em 2005.

O principal motivo para as novas projeções da taxa foi o desempenho dos investimentos na economia, divulgada anteontem pelo IBGE. No segundo trimestre do ano, os investimentos cresceram 11,7% ante o mesmo período de 2003. O IBGE vai divulgar a taxa de investimento do trimestre só no fim de setembro, quando calcular o PIB. Esta semana, foram divulgadas apenas as variações porcentuais da atividade econômica.

“Foi um bom resultado. É preciso reconhecer que está acontecendo uma expansão dos investimentos”, diz a consultora do Ipea, Mérida Herasme. Ela também destaca que, além do avanço dos investimentos, tem havido aumento de preço de máquinas, equipamentos e construção, o que também engorda o valor investido. Depois de chegar a 19,5% do PIB em 2001, a taxa de investimentos despencou para 18,3% em 2002 e para 18% em 2003.

PARA 2005, PREVISÃO É DE 22% E, PARA 2006, DE 25%

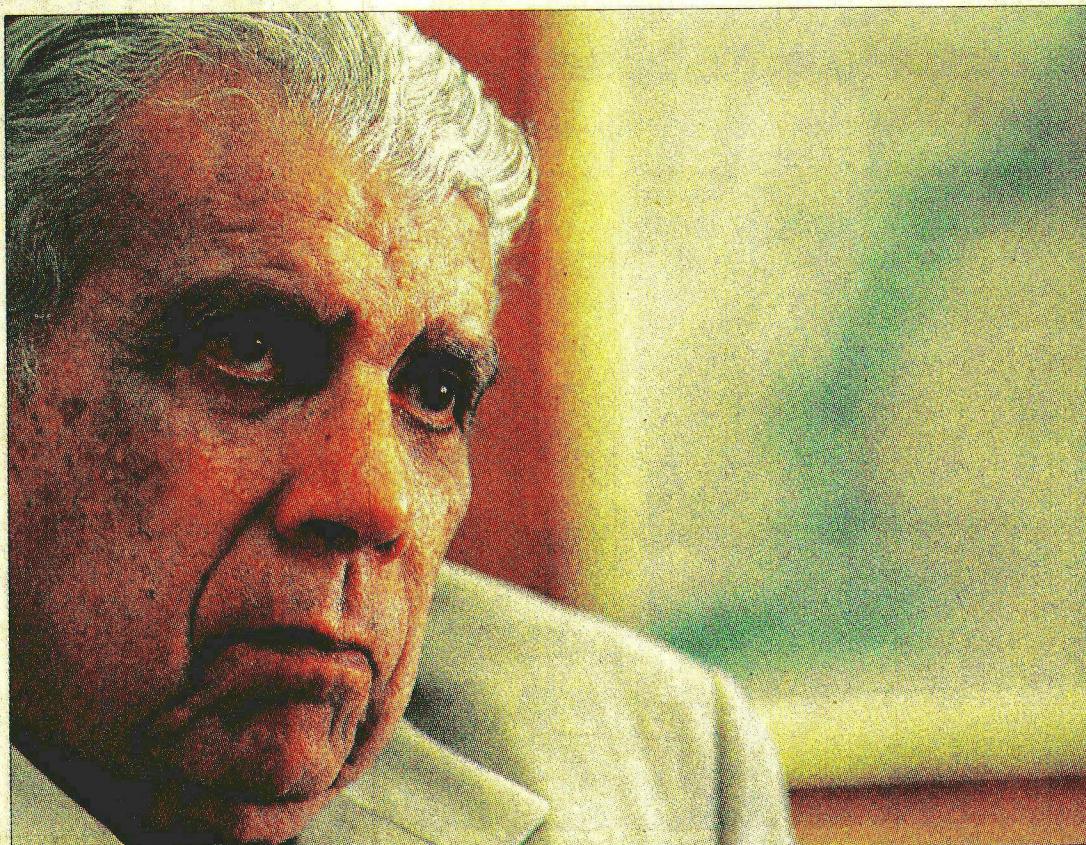
O presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Transnacionais e da Globalização Económica (Sobect), Antônio Corrêa de Lacerda, explica que para uma “economia debilitada nos últimos 20 anos, como a brasileira”, a recuperação da taxa de investimentos representa um “sinalizador da possibilidade de crescimento sustentado”. O economista argumenta que o patamar ainda é baixo para a necessidade do País, mas estima que a fatia dos investimentos no PIB podem chegar a 22% em 2005 e a 25%, nível mais adequado, a partir de 2006. Para isso, diz ele, é preciso superar problemas regulatórios e expandir as linhas de financiamento.

O coordenador de Política Econômica da CNI, Flávio Castello Branco, concorda que o custo de financiamento e dos bens de capital (máquinas e equipamentos voltados à produção) são fatores que podem limitar o ímpeto dos investimentos. Segundo ele, há setores que operam com baixa ociosidade e devem pensar na expansão.

“Sem dúvida, a recuperação da economia vai incentivar investimentos em produção”, diz o coordenador da Sondagem Industrial da FGV, Jorge Braga. Ele informa que alguns setores que operam perto do limite da capacidade estão investindo, como os de metalurgia, química, material elétrico e de transportes. Outros que tiveram grande salto no uso do parque fabril foram têxtil, vestuário, calçados, celulose e papel e mecânica.

A última sondagem da FGV, em julho, mostra que a utilização da capacidade já está em 84,5%, ou seja, restam só 15,5% de ociosidade para atender à demanda adicional.

Beto Barata/AE



Antonio Ermírio: para sustentar ritmo de evolução pesado da economia, é preciso ter energia